IESE
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIAIS E ECONÓMICOS

CONCEPTUALIZAÇÃO DA POBREZA:

Mapeamento dos Conceitos, Índices, Modelos e Abordagens

Apresentação aos Investigadores do IESE
AAdS Francisco & S Amarcy
Maputo, 23-05-2008

Estrutura da apresentação

1. Conceptualização para quê?
    - 1.1. Evitar que a palavra se transforme em baba
    - 1.2. Organizar e preparar ferramentas analíticas importantes na pesquisa
2. A conceptualização é a parte mais criativa da pesquisa
    - 2.1. As ideias moldam como olhamos a pobreza
    - 2.2. Boa investigação precisa de alicerçar-se nas ideias relevantes
    - 2.3. Ser selectivo, mas também multidisciplinar
3. O modelo analítico de Wuyts: Matriz 2X2
    - 3.1. Oposição ou complementaridade?
    - 3.2. Dois eixos conceptuais relevantes
    - 3.3. Tabulação dos eixos conceptuais
4. Um modelo analítico ampliado e mais abrangente: Matriz 3X3
5. Conceptualização para sistematiza as ferramentas de análise:
    - 5.1. Geral
    - 5.2. Conceito
    - 5.3. Índices
    - 5.4. Modelos
    - 5.5. Abordagens
6. Conceptualização para sistematiza as ferramentas de análise:
    - 6.1. Abordagens múltiplas
    - 6.2. Índice de Pobreza Humana – multidimensional, mas não é dinâmico

1. Conceptualização para quê?

"Uma palavra que está sempre na boca transforma-se em baba"

(Provérbio Burundi, in *Noite Dividida*)

1.1. Como evitar que as palavras se transformem em baba?

- Certamente não é evitar as palavras em si, mas sim evitar destituí-las de conteúdo.
- Na falta de ideias, muitas vezes coloca–se uma palavra. Ora, um objectivo legítimo deste projecto é explicitar o sentido, relevância e conteúdo das palavras; ou seja, não deixar que percam o significado de conceitos.
- Não podemos ter um debate inteligente sem ideias e palavras com significado e conteúdo.
- A conceptualização contraria a banalização das palavras . Ou seja, evitar que se transforme em baba.

1.2. Organizar e preparar ferramentas analíticas importantes na pesquisa

- Organizar ferramentas analíticas: conceitos, métodos, indicadores de medida, modelos, abordagens, concepções e ideias.

2. “A conceptualização é talvez a parte mais criativa da pesquisa”

O desafio da **conceptualização** na pesquisa (aplicada) sobre pobreza:

2.1. As ideias moldam como olhamos a pobreza

- A conceptualização, implícita ou explícita, **molda** como olhamos para (ou definimos) pobreza.
- Como é que percebemos quem é pobre? Como medimos a dimensão da pobreza? Como apresentamos a pobreza? Quando ouvimos “Nós os pobres”, dito por um miserável da rua, significa o mesmo que o “Nós os pobres”, dito por um governante, quando procura obter mais ajuda internacional dos países ricos para projectos de combate à pobreza?
- A forma como a pobreza é sentida, percebida e concebida, determina como concebemos as acções políticas e acções práticas. A natureza e intensidade do combate à pobreza depende de como se percebe o problema.

2.2. Boa investigação precisa de alicerçar-se nas ideias relevantes

- Será preciso recorrer à literatura - diferentes abordagens assentes em diferentes concepções do mundo .
- Se não explicitamos as abordagens aberta e transparente, acabará por deduzir a partir dos pressupostos, ideias, conceitos implícitos.
- Edificar com base nas ideias dos outros não é o mesmo que rever (descrever) as ideias existentes. A arte de conceptualização reside na criatividade com que se usam as ideias dos outros para construir as nossas próprias ferramentais conceptuais e analíticas, a fim de formular um ponto de vista relevante.
- “Pobreza”, mais do que mera **palavra** é um **conceito**. Como qualquer conceito, caracteriza-se por ser **amplo, nubloso, vago** e suficientemente **abstracto**, para cobrir muitas possibilidades da realidade. Isto tem vantagens, as vantagens inerentes aos conceitos abstractos, mas também tem desvantagens.
- Não explicitar os conceitos básicos, particularmente quando se pretende conceber e estabelecer estratégias específicas de acção, leva as pessoas a **assumir coisas diferentes, com intenções e pressupostos diferentes**; muitas vezes acaba-se por cair no extremo, passando de detalhe em detalhe, o que no fundo complica mais do que simplifica a análise da realidade.

2. “A conceptualização é talvez a parte mais criativa da pesquisa”

2.3. Ser selectivo, mas também interdisciplinar

- Neste exercício é preciso ser selectivo (para melhor aprofundar as questões), mas também interdisciplinares (para abarcar as tradições ou disciplina relevantes, não só económicas.; as contribuições relevantes– conceitos, métodos e teorias – de diferentes tradições de pensamento.

- Marc Wuyts (2004: 2) afirma no “Study Guide” que a conceptualização é talvez a parte mais criativa do processo de pesquisa. Mas também, admite Marc, é aquela fase que pode dar mais dores de cabeça. Em parte, por isso muita boa gente refugia-se no pragmatismo – “Deixemo-nos de teorias. Vamos lá ... ser práticos!”. Eventualmente, acaba-se por ter problemas.

- Há uma frase que soa bem, e por isso se usa e abusa com frequência: “A pobreza é um fenómeno multidimensional”. EO que é isto significa? Geralmente fica só a frase, enquanto que a análise que se segue é uni ou quando muito bivariável. O passado, presente e que perspectivas futuras? Como é vista a pobreza: Calamidade ... Natural, divina, social? A desigualdade social, a complacência, resignação e crítica política e ideológica?

As ideias dos economistas e dos filósofos políticos, estejam elas certas ou erradas, têm mais importância do que geralmente se percebe. De fato, o mundo é governado por pouco mais do que isso.
Os homens objectivos que se julgam livres de qualquer influência intelectual são, em geral, escravos de algum economista defunto.
Os insensatos, que ocupam posições de autoridade, que ouvem vozes no ar, destilam seus arrebatamentos inspirados em algum escriba académico de certos anos atrás.

J. M. Keynes ("Teoria Geral", Cap. 24-V)

3. Ferramentas de Análise: A matriz analítica de Wuyts

3.1. Oposição ou complementaridade?

- Que critério usar para uma tipologia das características, percepções e abordagens de pobreza? As ideias não operam isoladamente, ou paralelamente umas às outras. Pelo contrário, relacionam-se, interagem, comunicam entre si
- Wuyts recorreu ao que designa por dicotomia, uma tabela de classificação de categorias/critérios. Dentro de um mesmo eixo analítico, são consideradas duas condições opostas entre si. Esta divisão em pares é interessante; mas é duvidoso que seja verdadeiramente dicotómica, no sentido de oposição entre si. Wuyts usou o termo no sentido do *Oxford Dictionary*, contraste entre duas coisas, ou duas maneiras diferentes de olhar a pobreza. Mas serão mesmo dicotómicas, no sentido de oposição e antagonismo? Não parece. Existe bifurcação, no sentido biológico ou de direcções diferentes, ou de método de classificação em divisões e subdivisões constituídas por duas partes, conforme a Grande Enciclopédia Universal (2004: 4351).

3.2. Dois eixos conceptuais relevantes:

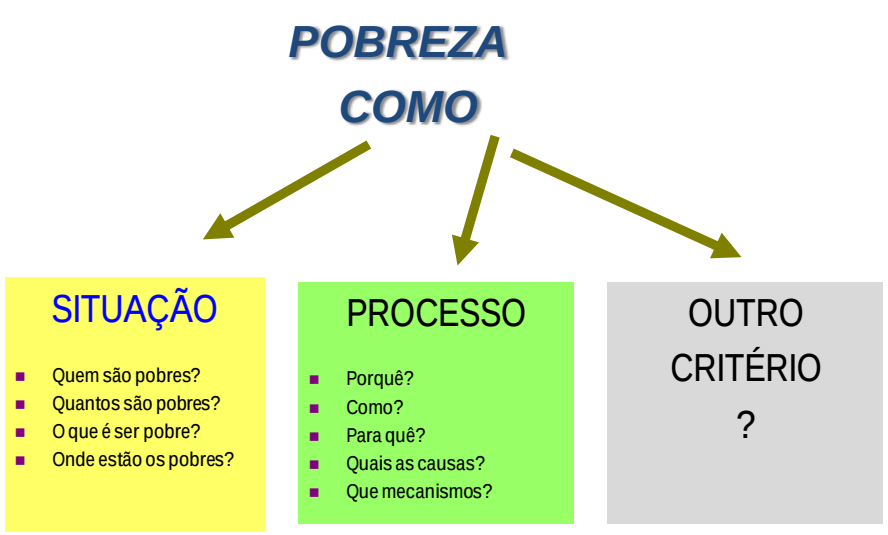
- 1(a) Pobreza como estado de situação e (b) Pobreza como processo (empobrecimento)

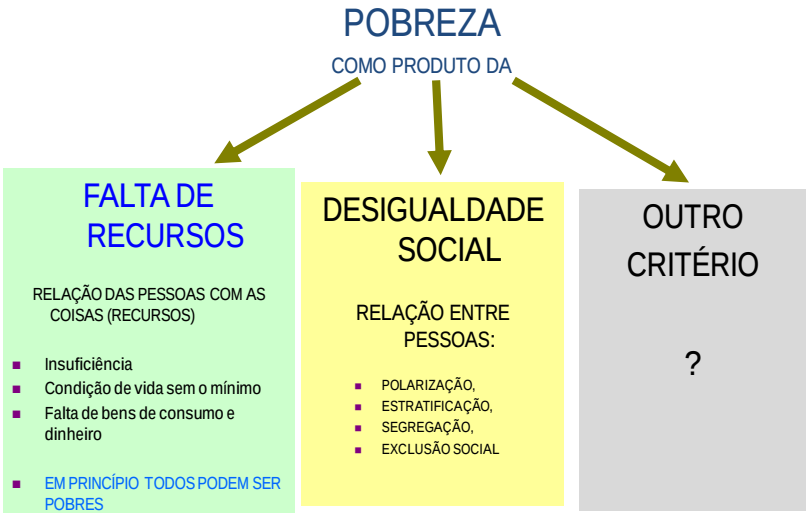
- 2(a) Pobreza como falta de recursos e (b) Pobreza como produto da desigualdade social

- Daqui se deriva uma matriz de 2 X 2, organizada em quatro células, correspondente a áreas ou zonas analíticas, representadas pelas categorias ‘estado de situação’, ‘processo’, ‘falta de recursoss’ e ‘desigualdade social’..

2.3. Tabulação dos Eixos Conceptuais

Tabela 1: Tabulação das Dimensões Conceptuais Relevantes Para a Análise da Pobreza		
	Pobreza como falta de recursos 2(a)	**Pobreza como produto das desigualdades sociais 2(b)**
Pobreza como (estado de) situação 1(a)	**?**	**?**
Pobreza (empobrecimento) como processo 1(b)	**?**	**?**
Fonte: Wuyts, 2004: 3; Francisco, 2005.		





4. Um Modelo Analítico Ampliado e Mais Abrangente: Matriz 3X3

– A matriz 2X2 de Wuyts pode ser ampliada, além dos dois eixos, para incorporar um terceiro eixo referente às expectativas e atitudes dos analistas e dos fazedores de políticas:

- 1(a) Pobreza como estado de situação e (b) Pobreza como processo (empobrecimento)

- 2(a) Pobreza como falta de recursos e (b) Pobreza como produto da desigualdade social

---

- 3(a) Pobreza como expectativa e (b) Pobreza como atitude (de vida)

– Isto origina uma matriz de 3 X 3, compreendendo nove células, referentes às áreas ou zonas analítica. O que podemos incluir em cada célula? Que exemplos de conceitos, abordagens e concepções?

5. Conceptualização das Ferramentas de Análise:

- Matriz geral
- Conceitos
- Indicadores de medida
- Modelos
- Abordagens

TABELA 1: CONCEPTUALIZAÇÃO DA POBREZA: EIXOS ANALÍTICOS

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE	Observações
1a ESTADO DE SITUAÇÃO 1(a)	?	?	?	
1b PROCESSO (empobrecimento ou vice-versa) 1(b)	?	?	?	
1c EXPECTATIVA	?	?	?	

Fonte: Adaptado de Wuyts (2004); Francisco, 2005

TABELA 2: CONCEPTUALIZAÇÃO DA POBREZA: SUMÁRIO

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE
1a **ESTADO DE SITUAÇÃO** **1(a)**	▪ Falta de recursos, de bens materiais, dinheiro, condições mínimas de vida, meios básicos de sustento, de oportunidades. ▪ Questões relevantes: Quem são os pobres? Quanto são? Onde vivem? Como medir e onde fixar a linha divisória? Quais as características dos pobres? ▪ Centra-se em medidas, grandezas, incidências e prevalências? Indaga sobre '**quem?', 'quanto?', 'o quê' e 'onde?'** ▪ Pressupõe que a pobreza é essencialmente um problema de 'insuficiência' (e.g. Falta de recursos, abaixo da linha de pobreza, cabaz básico, falta de capacidade ou habilidades). ▪ As importante! Uma característica dos pobres, a relação é entre as pessoas e as coisas (recursos). ▪ Pobres são visto como um grupo em si mesmo, em que existe uma relação entre pessoas e coisas, não entre pessoas apenas.	▪ Pobreza como 'produto da desigualdade social' determinada pela polarização ou exclusão social. ▪ Pobreza como um conceito relacional entre pessoas, entre 'haves' e 'have-nots', dependência entre ricos e pobres, mutuamente dependentes uns dos outros. ▪ Os pobres não são um grupo em si, nem uma relação entre pessoas e os recursos ou produtos, mas uma entidade social de partes ligadas entre si.	▪ "Se Deus criou o mundo, espero que tenha uma boa desculpa". Esta saída de um humorista resume bem a atitude dos contemporâneos face a um Criador apresentado como todo-poderoso. ▪ A ideia de que o Universo foi criado parece resultar de uma evidência: qualquer objecto, seja ele qual for, tem uma origem, um princípio.
1b **PROCESSO** **(empobrecimento ou vice-versa)** **1(b)**	▪ Pobreza como processo coloca questões sobre '**como?', 'porquê?', em 'que condições?'.** ▪ Qual a fonte de sustento e rendimento (por conta própria, conta de outrem, ambas)? Quem sustenta a pessoa ou o agregado familiar? Existe oferta de emprego? Que oportunidades produtivas existem? ▪ Inquéritos revelam que os pobres são geralmente pouco instruídos. Então, será a falta de instrução a causa da pobreza? ou os pobres são pouco instruídos por serem pobres? Ou ambas? ▪ Pobre por invalidez de acidente laborar, ou despedimento.	▪ A literatura, nesta área, destaca a **exclusão, desigualdade social,** tanto em relação a condições de base como de oportunidades. ▪ Dependendo da concepção, uns destacam a luta de classes, outros a dominação masculina, ou outras formas de **poder**, opressão e exploração .	▪ Inconformismo, revolta, revolução, critica mais ou menos pró-activa, revolução mais ou menos radical? ▪ Que tipo de racionalidade, não só económica: 1) Emigrar, devido ao empobrecimento (expectativas e atitude? 2) Mudar de produtos agrícolas por causa dos preços? 3) Diversificar ou focalizar?
1c **EXPECTATIVA**	▪ São pobres por que não trabalham, por preguiça ou porque querem viver à custa (aqui não há serviço de desemprego), por exemplo, da ajuda internacional? ▪ O termo 'não-pobre' sugere ausência de escassez de produtos básicos . O corolário desta abordagem é que, pelo menos potencialmente, pode-se admitir existir uma sociedade em que todos são pobres.	▪ São pobres por causa da desigualdade, polarização, exclusão, discriminação, etc. O corolário desta postura é que, numa sociedade onde não exista mais - valia e todos vivam praticamente na subsistência, não existe pobreza porque são todos iguais. Na ausência de desigualdade e polarização social, como surgirá a pobreza?	▪ Resignação, conformismo, realismo, aceitação tal como é?

Fonte: Adaptado de Wuyts, 2004; Francisco, 2005.

TABELA 3: MAPEAMENTO DOS CONCEITOS DE POBREZA

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE
1a **ESTADO DE SITUAÇÃO** **1(a)**	Definições operacionais: ▪ Pobreza: absoluta, proporcional, sectorial (literacia, educação e saúde), relativa e humana; profundidade da pobreza, ▪ Incidência, indigência, ultra-pobreza. ▪ Consumo corrente (bem-estar económico), rendimento ▪ Cabaz de consumo ▪ Linha de pobreza (absoluta, alimentar, internacional, nacional, não-alimentar, regional) ▪ Padrão de vida; paridade do poder de compra ▪ Perfil da pobreza, subsistência ▪ Necessidade, fome ▪ Custo de vida, padrão de vida, desemprego, sub-emprego ▪ Linha subjectiva de pobreza	▪ Abordagem assistencialista ▪ Abordagem nutricional/biológica ▪ Capacidade ▪ Poder ▪ Pauperização ▪ 'Entitlement' ▪ Desigualdade versus equidade ▪ Divisão de trabalho: por gender, classe , raça, estrato social, etc. ▪ Pobreza como distância social, hiato de pobreza ▪ Bem-estar	▪ Calamidade ▪ Segurança social
1b **PROCESSO** **(empobrecimento ou vice-versa)** **1(b)**	▪ Variáveis identificadas pelos pobres (falta de dinheiro, de emprego, de segurança alimentar, de autonomia, etc) ▪ Comparação de pobreza, pobreza contextual. ▪ Desenvolvimento humano ▪ Desnutrição, Disponibilidade alimentar ▪ Determinantes e causas da pobreza ▪ Estratégia de sobrevivência e segurança social ▪ Insegurança alimentar (crónica, transitória) ▪ Redes (formais e informais) de protecção social ▪ Continuidade intergeracional ▪ Segurança alimentar; Vulnerabilidade (corrente, estrutural, futura, primária) ▪ Ajustamento estrutural	▪ Abordagem da capacidade da pobreza ▪ Exclusão e inclusão ▪ Empoderamento ▪ Feminização da pobreza ▪ Armadilha da pobreza ▪ Precaridade ▪ Redistribuição ▪ Privação rural	▪ Participação ▪ Segurança social ▪ Cultura revolucionária ▪ Cultura anarquista ▪ Cultura reformista
1c **EXPECTATIVA**	▪ Pedir ▪ Cultura de pedir	▪ Dependência (dependência estrutural) ▪ Cultura de dependência ▪ Discriminação positiva e negativa ▪ Centro e periferia	▪ Cultura de pobreza ▪ Ciclo de privação

Fonte: Adaptado de Wuyts, 2004; Francisco, 2005.

TABELA 4: MAPEAMENTO DOS INDICADORES DE MEDIDA DA POBREZA

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE
1a **ESTADO DE SITUAÇÃO 1(a)**	Medidas directas ou indirectas de pobreza: ▪ Índice de incidência da pobreza; índice de pobreza diferencial; índice do quadrado de pobreza diferencial; índice de pobreza humana ▪ Profundidade da pobreza, ultra-pobreza ▪ Consumo corrente (bem-estar económico), rendimento ▪ Cabaz de consumo ▪ Linha de pobreza (absoluta, alimentar, internacional, nacional, não-alimentar, regional) ▪ Padrão de vida; paridade do poder de compra ▪ Perfil da pobreza	▪ Abordagem assistencialista ▪ Abordagem nutricional/biológica ▪ Capacidade	▪ Calamidade
1b **PROCESSO (empobrecimento ou vice-versa) 1(b)**	▪ Variáveis identificadas pelos pobres (falta de dinheiro, de emprego, de segurança alimentar, de autonomia, etc) ▪ Comparação de pobreza ▪ Desenvolvimento humano ▪ Desnutrição ▪ Determinantes da pobreza ▪ Disponibilidade alimentar ▪ Estratégia de sobrevivência ▪ Causas da pobreza ▪ Insegurança alimentar (crónica, transitória) ▪ Redes (formais e informais) de protecção social ▪ Redes ▪ Segurança alimentar ▪ Vulnerabilidade (corrente, estrutural, futura, primária)	▪ Abordagem da capacidade da pobreza	
1c **EXPECTATIVA**			

Fonte: Adaptado de Wuyts, 2004; Francisco, 2005.

TABELA 6: MAPEAMENTO DE POBREZA DOS MODELOS DE CRESCIMENTO

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE
1a **ESTADO DE SITUAÇÃO** **1(a)**	▪ Pobreza como privação de renda e recursos – Abordagens: ▪ Neoclássica ▪ Monetarista ▪ Assistencialista (utilidade individuais) ▪ Nutricional/biológica (desnutrição) ▪ Não assistencialista (foco na privação absoluta de bens')	▪ Pobreza com privação de capacidades	▪ Reforma
1b **PROCESSO** **(empobrecimento ou vice-versa)** **1(b)**	▪ Pobreza com privação de capacidades ▪ Pobreza como vulnerabilidade	▪ Exclusão social como causa da pobreza ▪ Abordagem participativa (bem-estar como processo interactivo)	▪ Reforma
1c **EXPECTATIVA**	Refúgio em seitas religiosas	▪ Revolta, ▪ Revolução ▪ Anarquia	

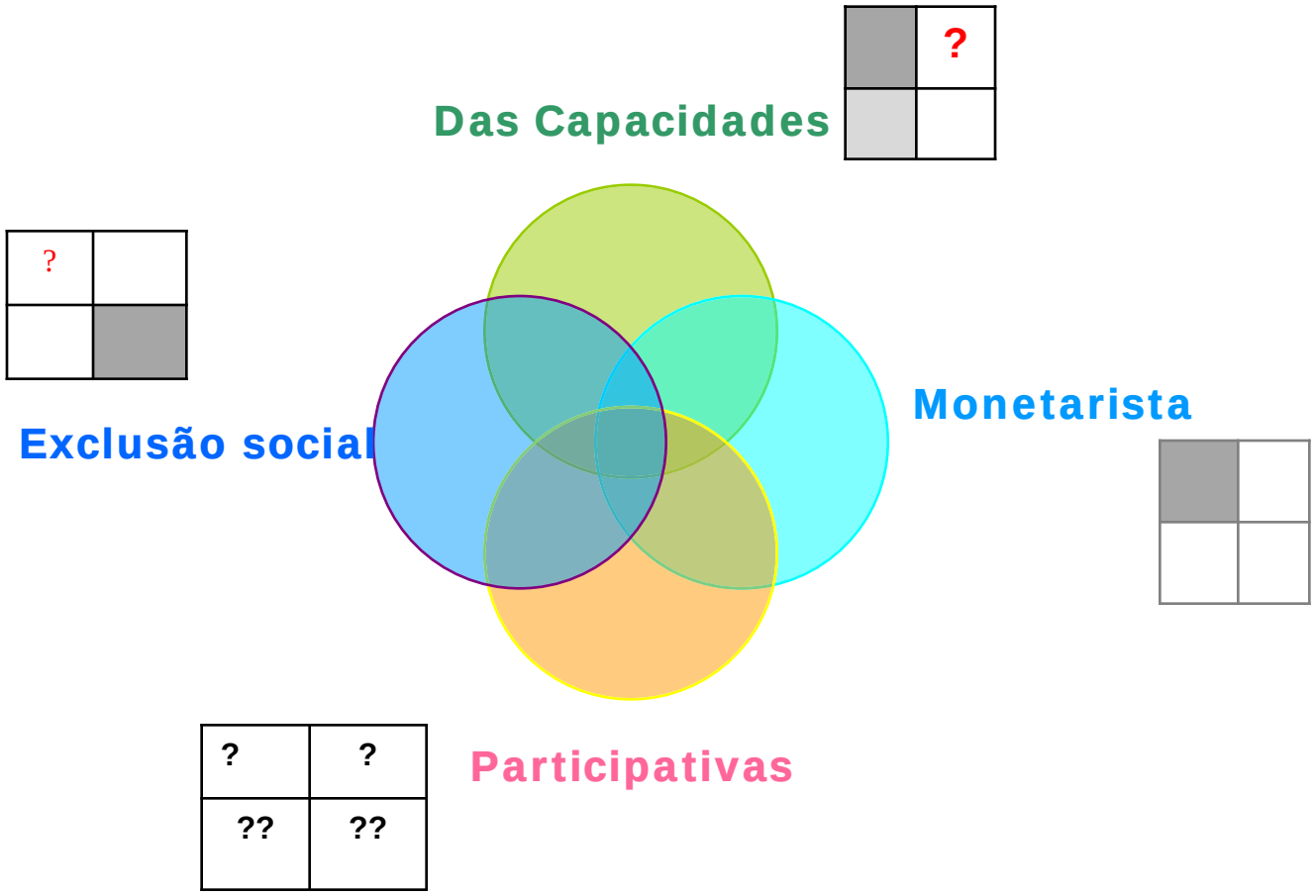
Fonte: Adaptado de Wuyts, 2004; Francisco, 2005.

TABELA 5: MAPEAMENTO DAS ABORDAGENS DE POBREZA

POBREZA COMO	2a FALTA DE RECURSOS	2b PRODUTO DA DESIGUALDADE SOCIAL	2c ATITUDE
1a **ESTADO DE SITUAÇÃO** **1(a)**	▪ Pobreza como privação de renda e recursos: ▪ ▪ Abordagem neoclássica: modelos monetarista, dualista, endógeno, ▪ Abordagem assistencialista (utilidade individuais) ▪ Abordagem nutricional/biológica (desnutrição) ▪ Abordagem não assistencialista (foco na privação absoluta de bens')	▪ Pobreza com privação de capacidades	
1b **PROCESSO** **(empobrecimento ou vice-versa)** **1(b)**	▪ Pobreza com privação de capacidades ▪ Pobreza como vulnerabilidade	▪ Exclusão social como causa da pobreza ▪ Abordagem participativa (bem-estar como processo interactivo)	
1c **EXPECTATIVA**			

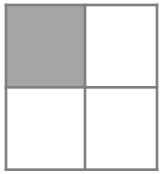
Fonte: Adaptado de Wuyts, 2004; Francisco, 2005.

ABORDAGENS SOBRE POBREZA

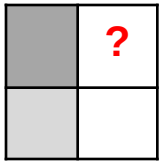


Francisco, 2005

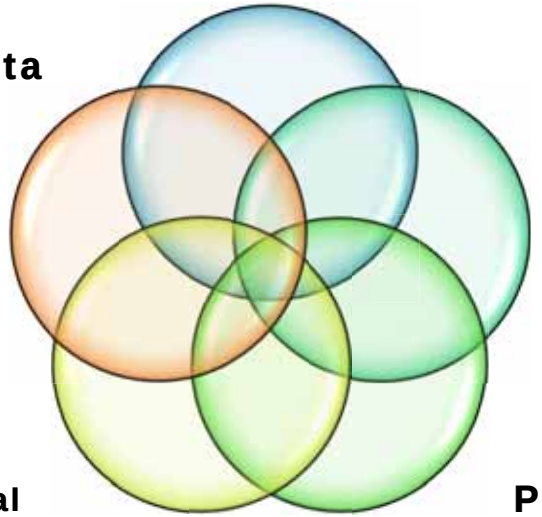
ABORDAGENS MÚLTIPLAS

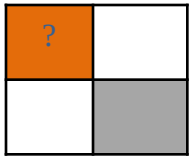


Das Capacidades



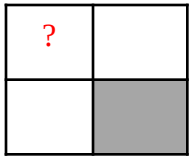
Monetarista





Empreendedora?

Exclusão social



Participativas

?	?
??	??

Francisco, 2005; Wuyts, 2004

Pobreza como fenómeno multi-dimensional

Índice de Pobreza Humana: multidimensional, mas não dinâmico

Tabela 5 : Conceito e Medida da Pobreza Humana

DIMENSÃO	Uma vida longa e saudável	Conhecimento	Um Nível de Vida Digno	
INDICADOR	Probabilidade à nascença de não viver até aos 40 anos	Taxa de analfabetismo de adultos	Percentagem da população sem acesso a uma fonte de água potável	Percentagem de crianças com peso deficientepara a idade
			Privação de um Nível de vida digno	
	Índice de Pobreza Humana para os Países em Desenvolvimento (IPH -1)			